

Gestos de Paz

Sou um visionário
que sonha o futuro
não quero o contrário:
Um mundo seguro!
Quero acreditar
no homem capaz
de recomeçar
e criar a paz.
Quero a paz que urge,
um mundo melhor.
Quero a paz que surge
em gestos de amor

Para lá chegar
é duro o caminho.
temos de usar
todo o carinho,
muita simpatia
e compreensão
e em cada dia
deixar a ambição.
Vamos lentamente,
por sermos humanos,
mudando a mente
ao longo de anos

Um gesto afável
e a paz contagia,
ela é possível
e virá um dia,
em gestos serenos
e não com decretos,
em gestos pequenos,
em gestos concretos.
Sim, eu acredito!
A paz a chegar...
Um mundo bonito...
Deixem-me sonhar!

Sonhador

A Criança da Paz

*Numa manhã sem nome,
nasceu uma criança.
Trazia um caderno em branco,
um riso leve,
e nos olhos, o brilho de quem nunca conheceu o medo.*

*Era a Paz em menina,
embora ninguém o soubesse.*

*Caminhava pelas ruas de pedra,
onde os muros guardavam cicatrizes
e os ecos antigos pesavam como sombras.
A sua mão tocava nas muralhas
como quem acaricia feridas antigas.
E as pedras, por instantes,
pareciam respirar mais leves.*

*Por onde ela passava,
espalhava flores,
desenhava pássaros,
oferecia sorrisos.
Não falava de guerras,
não trazia bandeiras,
apenas o silêncio luminoso
de quem transforma, sem exigir.*

*Debaixo de uma oliveira,
um velho combatente repousava.
Nos olhos cabia a dor de gerações.
A menina abriu o caderno
e desenhou duas mãos unidas.
O velho chorou em silêncio.
Não era apenas um desenho:
era a lembrança de todos os que lutaram,
era a promessa de que o sacrifício
não tinha sido em vão.*

*Mais à frente, encontrou outras crianças.
O caderno passou de mão em mão,
flores brotaram entre cicatrizes,
pássaros voaram sobre muralhas,
rostos sorriram sem motivo.*

*E a cidade inteira renasceu
num gesto pequeno,
como se cada pedra soubesse
que a Paz tinha regressado.*

*Quando a menina regressou a casa,
o caderno já não estava vazio:
guardava sementes invisíveis
de memória e esperança.*

*Ao adormecer,
a sua respiração confundiu-se com o vento,
e todos entenderam, sem palavras,
que ela nunca deixaria de nascer.*

*Porque a Paz é assim:
uma criança eterna,
sempre recomeçada,
sempre renascida,
sempre esperada.*

Fim

Rodrigo Gonçalves Vasques

O que se pode chamar de paz

A paz não é rendida nem submissa,
não cabe em panos brancos nem promessa omissa.
É chama que resiste mesmo em cinza fria,
é sol que atravessa a sombra e anuncia o dia.

Não é ausência vazia nem mural calado,
é rio que se levanta contra o chão rasgado.
É canto de criança a romper fronteira.
É fruto amadurecido na terra inteira.

A paz é punho aberto em gesto firme,
é raiz que insiste quando o vento oprime.
É voz sem medo no silêncio imposto.
É mar que devolve ao naufrago o rosto.

Não é oferta de reis em trono dourado,
é conquista gravada em corpo marcado.
É clarão que arde mas não se desfaz
é ferida curada — feroz, tenaz.

E quando chegar como luz tardia
trará no ventre a eterna ousadia
de dizer ao mundo com força e razão
a paz é fogo, não é ilusão.

A PAZ

A paz começa dentro do teu coração.
Se não vives feliz,
se não sabes amar,
se não sabes perdoar,
se não sabes compreender,
se não queres perceber o mundo que te rodeia,
como poderás viver em Paz?

Se vives no teu mundo,
alheia a tudo,
se a tua vida é uma vida sem sentido,
um tempo perdido,
acorda, olha à tua volta,
não percas tempo,
vive cada momento
com amor,
com entrega sem reservas.

O teu universo será diferente,
a tua atitude, sorridente.
e verás crescer laços de um novo viver.

Acredita que nada é impossível
e um gesto de ternura e cumplicidade
pode levar bem longe,
um raio luminoso de felicidade.

Onde há alegria verdadeira,
haverá Paz, uma vida inteira.

Se eu pudesse...

Ah! Se eu pudesse virar o mundo do avesso,
mudar tudo o que é maldade
e criar perfumados lírios roxos de amor e verdade!

Se eu pudesse ser luz,
luz que iluminasse a escuridão,
as trevas,
a maldição,
faria da Poesia,
com um gesto de magia,
um laço de verdadeiro amor
do norte ao sul,
do oriente ao ocidente,

“senhora saudade”

onde não houvesse
guerras,
destruição,
choro,
nem lamentação.

Então, dormiria tranquila
na doce convicção
de que todo o mundo
é meu irmão,
sabendo que, só onde há Paz e Pão,
pode reinar
a verdadeira união.

Queres partir comigo,
dar-me a tua mão?
Vamos por aí fora,
espalhar a esperança,
a bondade, a alegria,
a autêntica felicidade,
neste tempo
tão cheio de poluição e falsidade.

E, assim juntos,
faremos um paraíso,
um jardim,
onde cada flor será um sorriso,
cada pétala, um abraço,
e cada perfume,
um canto de amor,
sem qualquer queixume.

É com Paz que poderemos sonhar,
sonhar,
e sentir os nossos corações
bater juntos, amar,
numa sinfonia
que soará em todos os cantos,
de noite e de dia,
sem mais prantos, ou agonia.

É na paz
que nos reencontraremos
em liberdade
e os nossos ideais
se tornarão uma doce realidade.

“senhora saudade”

É na Paz que descobriremos
que o amor e a compaixão são a língua universal,
que fará de cada homem,
um irmão,
livre da guerra,
da opressão e do mal.
Cada passo que dermos,
é um passo firme e seguro
em direção à verdadeira harmonia
de um sorridente futuro.

As nossas vozes se unirão
num coro de esperança
e louvor,
numa canção à Paz,
ao Progresso
e ao Amor.

Só assim,
a Terra se tornará um lugar mais bonito,
mais justo e mais livre,
onde não ouviremos, enfim, qualquer grito
de um irmão aflito,
e a vida terá a cor azul
do céu infinito.

“senhora saudade”
25/6/2025

Paz

Pela paz pela sorte

Pela paz pela razão

Pela paz todos fogem à morte

Pela paz ficamos todos sem chão

O pretexto para tudo fazer

A paz que ninguém entende

Um pedaço de terra por prazer

A paz que toda a gente defende

Todos discutem e nada se faz

Sempre a fugir

Todos usam o pretexto para a paz

Todos fogem sem sítio para ir

Ao fim de algum tempo chamamos-lhe vitória

Todos sofrem e com dor

É uma vitória sem glória

Não aparece ninguém

Desculpem, por favor!

Paz sofrida e suprimida

Paz só por poder

Paz que fosse para toda a vida

Não importa quem vai sofrer

Pela paz pouco ou nada se faz!

J. H. F.

A Paz

Num mundo cego de gritos e contradições,
onde cada segundo é um embate entre o ser e o sobreviver,
procuramos — com lábios partidos e coração trémulo —
aquilo que juramos desejar:
a paz.

Mas será que para a ter... não teremos antes de ser?
E ser, neste caos, é quase uma heresia.
Exigir harmonia num campo de batalha
é o mesmo que pedir silêncio durante uma guerra.

A minha lógica?
Dizia-me que estar em paz era manter a rotina.
Seguir em frente. Fingir. Respirar.

Mas a verdade — crua, cortante —
é que este mundo feito de guerras,
de bolsas a ruir e contas por pagar,
arranca-me qualquer vestígio de serenidade.

A minha paz... é um fio.
Fino. Tenso. Prestes a partir.

Nós, humanos, não queremos paz.
Queremos confronto.
Gritar mais alto. Ter razão.
E se possível, vencer — mesmo que isso custe ao outro.

Entramos em guerra connosco próprios
antes mesmo de abrirmos os olhos de manhã.

A paz é cara.

A paz exige entrega.

A paz exige abdicar do eu.

E nós?

Ainda somos crianças mimadas,
presas ao medo, à vaidade,
à ilusão de controle.

Dói admitir a fragilidade.

Mas quem o faz... já trilha o início do caminho.

Vivemos num paradoxo brutal:

o eu clama por sobrevivência,
e o nós morre lentamente à sua sombra.

Mas se a minha paz depende do nós,
como posso continuar a viver apenas para o eu?

A resposta é simples.

Terrivelmente simples.

Mas ninguém quer ouvi-la.

Viver em paz é deixar o orgulho sangrar.

É matar o ego — de forma consciente.

É abrir mão de certezas, de culpas, de muros.

Mas o eu resiste.

Grita. Bate. Fere.

Diz que está a proteger-se.

Quando, na verdade, está apenas a fugir.

Somos todos parecidos.

Todos frágeis, com medo de sermos os primeiros a baixar as armas.

É preciso caminhar muito...

sofrer, ceder, cair, levantar.

Até perceber que a paz verdadeira é um ato de coragem solitária.

E só quando cada um a conquistar por dentro,

é que, enfim,

deixaremos de viver em guerra.

Autora:

Sheila Roma